

Boicote amplia a crise dentro da CPI

BRASÍLIA — Sem elementos em mãos para interrogar os parlamentares, integrantes da subcomissão de bancos decidiram boicotar os depoimentos e não fizeram perguntas aos deputados e senadores ouvidos nos dois últimos dias. A atitude provocou um racha na CPI: de um lado, o deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) liderando o grupo dos insatisfeitos; do outro, o deputado Pedro Pavão (PPR-SP) aglutinando aqueles que lutam pela manutenção do calendário adotado na última semana.

— É um absurdo. Estão manobrando a CPI. Se tivéssemos dado essa chance ao deputado Ibsen Pinheiro, ele estaria livre das acusações que pesavam sobre ele. Sem documentos, a CPI vira um palco para a defesa — afirmou Mercadante.

— Não concordo. Já tínhamos acertado que se houver alguma coisa contra qualquer um que já tenha sido ouvido, ele seria reconvocado a depor. O deputado Mercadante quer aparecer — rebateu Pavão.

O deputado Fernando Freire (PPR-RN) também se mostrou insatisfeito:

— O ideal era que tivéssemos mais tempo. Todos os dias recebemos documentos. Sobre estes novos depoimentos, praticamente não temos o que perguntar.

As declarações de Mercadante irritaram o presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho. Fúrioso, ele disse que a ordem dos depoimentos fora acertada em plenário:

— Não fiz nada sozinho. Não admito esse tipo de crítica. Quem tiver reclamações que as traga a mim e não fique fazendo holofote na imprensa.

Muitos investigados — que um dia fizeram de tudo para adiar seus depoimentos — hoje brigam para antecipar as sessões, na tentativa de evitando o aprofundamento das investigações nas subcomissões. Os senadores Saldanha Derzi (PP-MS) e Alexandre Costa (PFL-MA) correram ontem ao Congresso preparados para depor. Chegaram a convencer Passarinho, mas os coordenadores das subcomissões impediram os depoimentos, alegando que a análise dos documentos dos dois estava incompleta.